

Correio das Artes

ANO I Número 19 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 31-7-1949



Desenho de BARBARA JONES para VISION OF SCOTLAND



Xilogravura de ERIC KING para ENGLISH FOLK-HEROES

O VAGALUME

JUAREZ BATISTA

ESCREVO, hoje, sobre Oscar Wilde, desafiando velhos temores, e satisfazendo antigo desejo meu. Antigo desejo que me persegue há mais de ano, e de que fujo, toda vez, em sobressaltos, com o coração aos pulos. Porque acontece comigo uma coisa curiosíssima: sinto extrema dificuldade em escrever sobre as minhas grandes admirações: Balzac, Poe, Wilde, Saint-Exupéry, Garcia Lorca, Euclides da Cunha, Carlos Drummond, Bandeira. Há um milhão de coisas a dizer sobre cada um deles. Um mundo convulso de sugestões a vencer e ordenar. Dar forma a emoções vividas pelos outros é, talvez, mais difícil do que sentir-se apto para vivê-las. Nunca pude escrever sobre o valor simbólico dos cavalos, do sangue e dos punhais, sempre presentes na poesia e no teatro de Lorca; nunca pude falar com suficiente delicadeza para me sentir capaz de entrar em intimidades com Manuel Bandeira. Sómente uma vez — e por insistência de amigos — tive coragem de "quebrar" um dos meus ídolos: Saint-Exupéry. E, mais de uma ocasião, diante do que fiz, lastimei a minha crueldade. O tema pode ter um estranho poder

de sedução; quando, porém, é grande demais, oprime e subjuga. Então, o pobre homem que, por alguns instantes, acreditou em coisas infinitas, sente-se mínimo, vencido, dolorosamente contingente. Começa aí a ronda sinistra do tema — no desejo e no medo. E a fuga também, com todas as suas misérias e algumas das suas poucas grandezas, principia aí: na convicção da incapacidade para enfrentar o tema.

Fujo de Wilde há muito tempo; porém, confesso, com esse remorso e esse tocante heroísmo de quem se esquiva das ciladas de uma mulher bonita, movido por deveres de honra e de

consciência. Hoje, entretanto, aceito o meu Waterloo, esperando não perder de todo o prumo.

Oscar Wilde foi, antes de mais nada, uma extraordinária vocação de D. Quixote. Um D. Quixote eugênico, à espanhola, que encheu as Ilhas, por muito tempo, de pânico e admiração. Porque o quixotismo de Wilde — que alguns querem atribuir à sua personalidade desajustada de acromegálico — esteve sempre muito longe daquele que se podia esperar de um britânico, simplesmente pelo seu todo de longelineo astênico. Em Wilde o gôsto pelo cenográfico, pelo espalhafatoso — pelo britânicamente espalhafatoso,

está claro —, é latino demais. E não foram poucas vezes que isso ficou provado. Não raro, Wilde se saía com uma daquelas de D. Juan de Tassis, que nunca perdeu oportunidade de se pavonear diante da Corte de Felipe IV, chegando ao cúmulo de fazer alusões aos seus namoricos com Isabel de Bourbon, quando ostentou, numa tourada, um dístico audacioso no chapéu alto: "Son reales mis amores". Pois bem, Wilde não ficou atrás do Conde de Villamediana, nas suas gabolices de conquistador espanhol. Passeou a sua elegância e o seu talento, já de rosa na lapela, no Trinity College, com dezessete anos apenas, chegando a merecer o despeito e a condenação do corpo docente do estabelecimento, parte por inveja, parte pela sua arrogância. Depois, em Londres, ditava a moda e desprezava serenamente os homens sem espírito, com um orgulho tranquilo, auto-suficiente e todo seu, que é mais perigoso do que se desafiar um rei. A volúpia algo feminina de disputar, numa só cartada, o que dificilmente pode ser ganho, conheceu-o Oscar Wilde, aproveitando-lhe as delícias mais sutis, e, com ela, indo até as últimas consequências. A inteligência se

O POEMA DA ESTAÇÃO

REYNALDO BAIRÃO

O FIM DO COMEÇO
SENSAÇÃO DE QUEDA
VERMELHO AMARELO
TRISTEZA DA TARDE...

NOS TRILHOS EU VOU
ME EMBORA PRÁ CASA
NÃO POSSO CANTAR
EU ESPERAREI!

CONHECI ALGUNS ANJOS
INDO SÓ PRÁ CASA

E SENTI RAZÕES
PRA CHORAR E AMAR...

MAS SEI QUE NÃO CANTO
NEM POSSO CANTAR!
VOU-ME EMBORA AGORA
NÃO POSSO ESPERAR!

O SÓL SE PÔE LOGO
ME RESTA CHORAR
ESCURO MEU DIA
ME RESTA ESPERAR...

unia, magnificamente, ao talento creador, o dandy se juxtapunha ao fabuloso causeur. Era claro que nessa luta sem fim nem consagração, sem paz nem vitória, havia de vencer o bom-senso, o que vale dizer, os homens, mediocres. A vida, geralmente, se dá a esses desvairados...

Entretanto, Wilde não se limitou nunca a essa atitude de convencimento estéril. Nunca uma pôse inconsequente, uma atitude ôca de "enfant terrible", satisfaria um homem da sua qualidade. Dir-se-ia que procurava, no seu culto à estética, apenas uma justificativa para o seu temperamento voluntarioso de "latino" nascido em Dublin. Porém, em verdade, o certo é que Wilde trazia alguma coisa que irritava mais do que o seu orgulho: o seu talento. E os homens suportam e perdoam com mais facilidade o adultério em sua casa, do que a inteligência nos outros. Salomé, A Estingie, O Retrato de Dorian Gray e Uma Tragédia Florentina, são obras finas demais para ser apenas admiradas pelos contemporâneos do autor. Não tenho notícia de que se tenha escrito nada mais belo do que o impulso selvagem nascido, de repente, no corpo de Salomé, às primeiras palavras do profeta João Batista. Seu corpo casto de jovem arreada, repugnada de tudo o que presenciava no reino do padrasto, é tomada de súbito frescor e atirado ao fogo de uma paixão carnal, tumultuosa e insopitável. A face oscilética do profeta atira-lhe oprobrios, numa recusa que a torna ainda mais desejada. O beijo rogado em ânsias pelos seus lábios secos, não viria nunca. A cabeça do profeta rola ao gume das espadas de Herodes, por ordem de Salomé, que, no auge do delírio e da paixão, beija a boca fria do Santo, segurando-a pelos cabelos.

O poder de observação e a beleza puríssima destas páginas não encontram rival em nenhuma já mais escrita. O dramático, desdo-

brando-se em sutilezas, numa forma transparente e cristalina, chega, por vezes, ao sublime. Entretanto, o artista, sem perder de vista o conteúdo humano e fundamental das paixões, não faz de Salomé nenhuma eterna e lacrimosa apaixonada. Toda mulher sabe chorar quando é preciso vencer. Sentindo-se, porém, frustrada nesta penúltima e muito lírica tentativa, apela sempre para outros meios — exclusive o suicídio —, que pode variar do envenenamento à histeria, do falso testemunho ao beijo sem amor àquele que possa deslorrar sua dignidade — dignidade de mulher, de fêmea — ofendida pelo desprêzo. E Salomé soube beijar Herodes, sem amor, para obter a cabeça do Santo, que não pôde beijar na paixão.

A vida intelectual de Wilde andou sempre às voltas com os mesmos elementos de quixotismo de sua vida social. Poeta, dramaturgo e novelista, lidando com temas que exigiam talento e coragem — coragem como autor e como homem —, nunca recuou diante das solicitações de sua sensibi-

lidade exaltada. O desafio era seu clima. Era preciso, cada dia, mais ser, mais provocando. E Dorian Gray, seu negro anjo da guarda, é bem uma prova da sua convicção e amor pelo seu próprio destino de vagalume: brilhar impetuosamente, cada vez se arriscando a se tornar a última. Como autor-biografia e como obra de arte, O Retrato de Dorian Gray realiza o máximo de quixotismo de que um artista pôde ser capaz: se expôr ao tema e ao escândalo, por exigência de sua personalidade.

O resto de sua vida foi apenas um corolário do processo de saturação que submeteu a si próprio e à toda sociedade. Não houve derrocada para quem escreveu "The Ballad of Reading Gaol", preso, humilhado e ofendido. E o homem que morreu na França, com o nome de Sebastião Melmoth, não foi Wilde, foi apenas o que restava de um vagalume.

Alôra as cigarras, nunca se ouviu dizer que se morresse por excesso de talento e virtuosismo; a única exceção foi Oscar Wilde.

Homenagem a Balzac

A EMPRESA Voyages Gallandat, com a supervisão de Roland Engerand vêm de organizar, em homenagem a Balzac, o *Circuits Balzacien*, que consiste numa visita a Tours, Azay-le-Rideau, Rigny-Usse, Saumur, Roche Cotte, Langeais, Rochecorbon e Amboise.

Por outro lado, LES NOUVELLES LITTERAIRES, em razão do transcurso do duplo aniversário do nascimento e da morte de Balzac, publicou um número especial com a colaboração de Bouteron, o mestre dos estudos balzaquianos. Alain, Romain, Maurois, Henriot e outros, e divulgando duas cartas inéditas.

POEMA

SÉRGIO DE VALOIS

SEMPRE
À HORA VIGÉSSIMA
[QUARTA]
OS PONTEIROS DO RELÓ-
[GIO SE ENCONTRAM;
UM ABRAÇO...
DEMORA UM POUCO...
PÔE-SE UM SOBRE O OU-
[TRO...
TIC TAC, TIC TAC, TIC
[TAC]
SEPARAM-SE MEDROSOS,
[PARECENDO ASSASSI-
[NOS,
É MORTA MAIS UMA NOI-
[TE, NO MEU CALENDÁ-
[RIO

SEMPRE
QUANDO ESTE CRIME SE
[FAZ,
ESTOU EU COM ELA, E
[SOMOS NÓS;
UM ABRAÇO...
DEMORA UM POUCO...
TIC TAC, TIC TAC, TIC
[TAC]
SEPARAMO-NOS BEM, PA-
[RECENDO RESPONSÁ-
[VEIS,
NASCEU MAIS UM DIA,
[NO ALMANAQUE DO
[TEMPO.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON RÉGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

A Cerâmica Cretense na Arte dos Helenos

WALDEMAR DUARTE

IMAGINEMOS um camponês bronco, sem qualquer noção de arte, impulsionado pela necessidade e dirigido pelo instinto, com um punhado de argila sem forma e sem adubo, plasmando um vasilhame onde possa depositar um pouco de alimento. Sómente de uma coisa ele sabe; é que esse objeto ser-lhe-á útil. Nós outros sabemos que ele é um artesão e está dando forma a uma obra-de-arte. Assim deve ter nascido a cerâmica — uma das artes menores de maior valor documentário no estudo das antigas civilizações. Nas descobertas arqueológicas serve de chave para a solução dos problemas que sem seu auxílio seriam insolúveis. Os motivos gravados que representam a época, as inscrições, a forma em que são moldados os objetos, a resistência que oferecem às transformações dos subsolos, permitindo que milha-

res de anos mais tarde sejam encontrados intactos e legíveis — tudo isso faz da cerâmica um guia extraordinário para o conhecimento do passado remoto. É o melhor amigo dos arqueólogos — esses seres que têm "a faculdade de fazer fortuitamente descobertas felizes e imprevisíveis" — na interpretação de Van Loon.

Como sóe acontecer em todos os ramos da intelectualidade, — foi na Grécia que essa arte melhormente floresceu, nascendo da ilha de Creta, quando essa dominava o mar Egeu nas suas grandes bravatas, na civilização longínqua. Seu advento é um produto do esforço que o homem faz para adquirir utilidade e, conseqüentemente, ter conforto, sem o significado de luxo ou fausto.

A cerâmica, na Grécia, inicialmente não foi modelada em função de arte; veio das camadas inferio-

res que lhe deram vida instintivamente, anulando um pouco a necessidade do seu povo, na compreensão que a evolução da vida lentamente oferece. Depois, então, quando a perfeição se tornou necessária, ela foi adquirindo função de arte. Surgiu o artesão, procurando entre opiniões e o desenvolvimento econômico, criar forma digna de apreciação e de utilidade ornamental. Apareceram as olarias. O oleiro já tinha um dever — modelar um vaso ou um cântaro, torneando-os com arte, com esmero e carinho. Seu objetivo já não era criar um objeto para seu uso próprio. Apareceram os consumidores e pouco-a-pouco foram se tornando exigentes. Seu trabalho visava um lucro, muito embora proviesse de um esforço artístico.

Mesmo sem querermos particularizar, essa arte foi mais autêntica na terra dos

helenos. Henry Mayeux não exagerou em dizer que "La façonnage du vase céramique se retrouve chez tous les peuples d'Orient et d'Occident, mais les grecs restent encore les maîtres dans l'art de lui donner les formes les plus simples et les plus parfaites". Realmente, a cerâmica cretense que teve grande desenvolvimento em Micenas, foi, pela singeleza de sua forma, a concisão que o oleiro lhe emprestou, a mais perfeita e melhormente admirada.

Originariamente apareceram os pratos tortos, os vasos sem estética, as ânforas que conduziam os líquidos da fonte, sem vaidade de forma e de beleza. Depois se deprezou o barro comum; cogitou-se do emprêgo de "grés cerame" de natureza argilo-silicôso, abundante no solo cretense pela sua formação geológica. Os vasos foram tomando formas arrogantes, oferecendo motivos de êxtase.

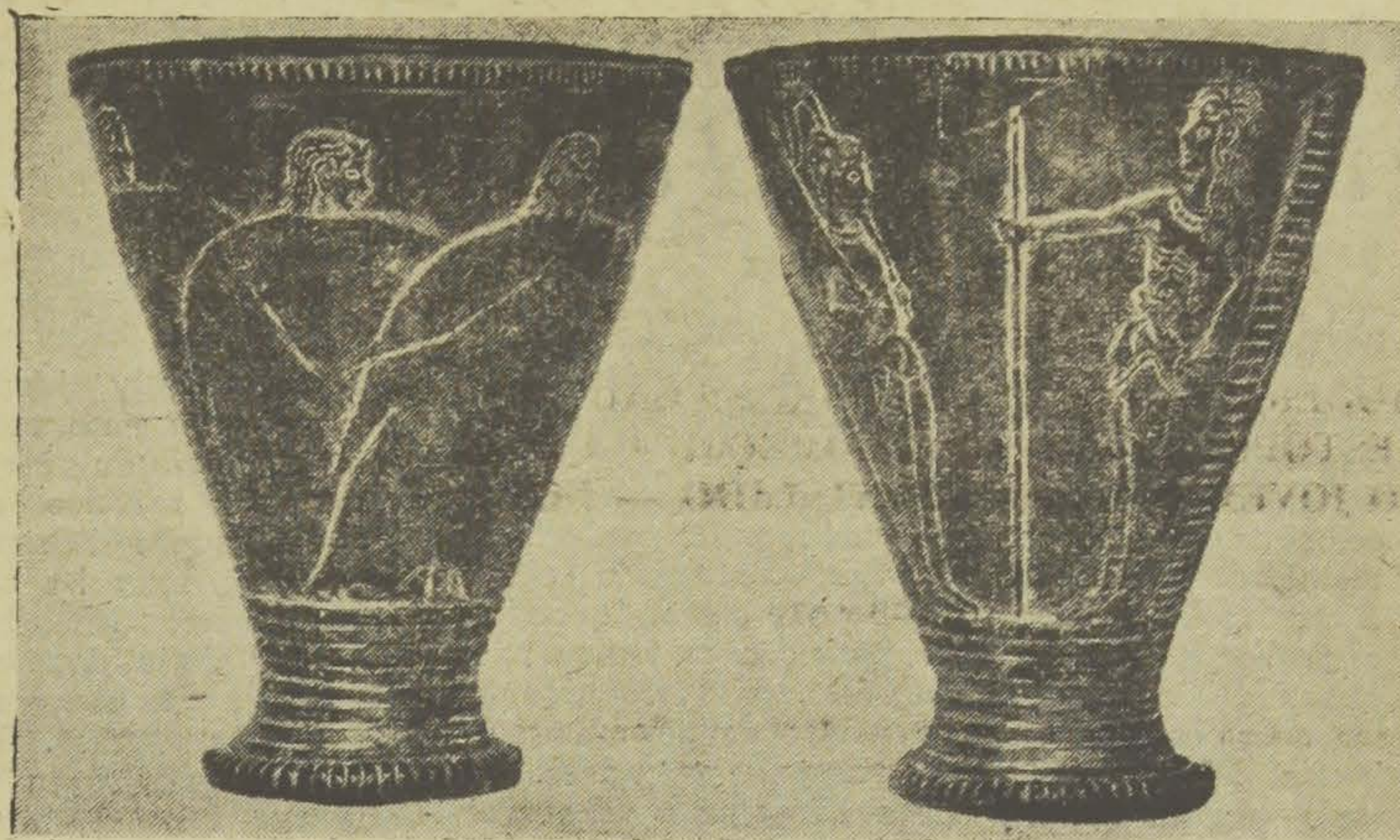
Inicialmente veio o desenho em fundo preto, de onde surgia da própria argila cinzelada, de cor vermelha. O homem — creador que era — inventou o óleo que lhe veio dar um aspecto brilhante, fixando as cores e dando maior resistência. Já o preto e o vermelho não satisfaziam. Surgiram o amarelo, o branco, a policromia, portanto.

E assim ia avançando, já influenciando toda região mediterrânea, principalmente a Grécia e as ilhas. Motivos regionais foram pintados, feitos heróicos, retratando guerreiros, touradas, e tantos outros motivos da flora e da fauna.

Não ficou somente na modelagem em terra-cota. Modelou-se vasos, ex-votos, etc., em esteatite, faiança, metal... numa sequência



VASOS CREMARÉS — CNOSSOS



OUTROS ESTILOS DE VASOS CRETENSES

lógica do seu desenvolvimento.

A modelagem cretense tem sua feição própria, por isso que as civilizações vizinhas passaram a importar os seus produtos, reconhecidamente valiosos.

Seu maior esplendor foi no período minoano II médio e recente, quando o império do grande guerreiro do Mediterrâneo era uma potência invencível. O império faustoso foi decaindo, com ele também seu desenvolvimento artístico, acompanhando o trono do seu mecenas.

Os célebres vasos que erroneamente chamam de etruscos, são genuinamente gregos, importados do continente e da ilha de Creta. Também Santorim, Samos e Tirinto foram centros de grande indústria cerâmica,

Arpa do Tempo

RAIMUNDO NEWTON DE MENEZES

A ARPA DO TEMPO TOCAVA UMA SINFONIA DIVINA, PARA FESTEJAR O CASAMENTO DA LUA, A NATUREZA COM SAUDADE DA LUA, CHORAVA COPIOSAMENTE: CHOVIA...

destacando-se Hissarlik pela produção de vasos de ouro, cujo valor souberam empregar com grande perícia.

A partir do período micênico, o de maior esplendor no mundo da cerâmica, essa indústria exerceu uma influência extraordinária na civilização da fulgurante Helade. Apareceram as ânforas panatenaicas com que se premiavam os vencedores dos jogos realizados em Atenas em honra àquela Deusa, os cântaros para libações, as taças, os bombílios para perfumes, como também as grandes talhas para depósito de vinhos, as quais examinamos pessoalmente no reino de Knossos.

Sucessivamente a perfeição foi surgindo com as curvas que se foi aplicando à modelagem, as novas cores, os traços geométricos, as exaltações patrióticas nos desenhos, como também a variação de asas ou braços que se foi dando até atingir a perfeição dos vasos ornamentais.

Em 1946, quando de nossa tournée pelos três continentes banhados pelo Atlântico, tivemos oportunidade de visitar o museu de Irakleion e o suntuoso Palácio de Minos. Examinamos os vasos de ornamento encontrados no museu, como também os grandes vasos que o esplendoroso período minoano usava para depositar mel, azeite, vinho, tri-

go, etc...

A descoberta de Artur Evans legou-nos a grande oportunidade esclarecedora da civilização mais fulgurante do mar Egeu.

Nossa admiração não deixou dúvida quanto à influência que a ilha de Creta exerceu nos demais povos com relação às suas artes. Não só em Knossos, como em Festo, Leucárnia, Haghia Triada e Gurnia, esse desenvolvimento se patenteia, desde os objetos de utilidade prática e de ornamento, ao sarcófago, acrescentado da contribuição que o fetichismo oferecia da vida social, até o túmulo do homem daquelas priscas eras.

Comparação feita entre a cerâmica descoberta pelos arqueólogos e a que sucedeu o domínio de Minos, demonstrou a posição superior e o senso artístico que floresceu naquele período fulgurante e belicoso ao mesmo tempo.

Não é um ensaio apressado que possa definir particularizadamente a posição da cerâmica dos heleños no desenvolvimento dos povos do Mediterrâneo e do mar Egeu. Ressaltamos aqui e ali o que houve de mais edificante no seu desenvolvimento, deixando margem a que o leitor esdiado faça suas pesquisas e penetre mais a fundo no cabedal artístico do tesouro que nos legou a "gente púrpura".

Notícias

OS LIVROS MAIS VENDIDOS PELA GLOBO

NA última quinzena, os livros mais vendidos pelo Globo foram os seguintes: FICÇÃO (Nacional): MINUANO, poesias de Lauro Rodrigues; ONDE O CEU COMEÇA, novela de Maria Luiza Cordeiro; MESTIÇA, novela de Gilda de Abreu; NO GALPÃO, contos de Darcy Azambuja; UM OLHAR PARA A VIDA, romance de Maria Luiza Cordeiro; (estrangeira): JOSÉ NO EGITO, romance de Thomas Mann; MAQUIAVEL E A DAMA, romance de W. Somerset Maugham; WINNETOU, romance de aventuras de Karl May; O FAVORITO DOS BORGHIAS, romance de Samuel Shellabarger. AVENTURAS DA MALETA NEGRA, romance de A. J. Cronin.

CHESTERTON E O TUMULO

CHESTERTON, católico e inglês, escreveu numa carta inédita o seguinte:

— Por que se fala sempre no "sono do túmulo"? Ora, o túmulo não é o sono, mas o despertar.

O ULTIMO LIVRO DE HUXLEY

FALA-SE muito na última novela de Aldous Huxley, APE AND ESSENCE, editada por Chatto & Windus. Trata-se de uma sátira mordaz, de uma crítica feroz, de um bom pontapé nos preconceitos sociais. Disse um comentarista que se a humanidade persistir nos seus passos errados, terá sempre em Aldous Huxley um tremendo crítico.

Basta dizer que todo problema do destino humano é analisado nas páginas dessa novela satírica, em que o autor inglês botou muito de seu humor e de seu talento de escritor.

Conversa ligeira com um Poeta de Alem-mar

ORFEU SERÁ UM GRANDE CAPÍTULO NA HISTÓRIA DA MODERNA LITERATURA BRASILEIRA — DIZ FERNANDO FERREIRA DE LOANDA — MÁRIO DE ANDRADE, O MAIOR EMBROMADOR DO MODERNISMO — CARLOS DRUMMOND, O POBREZINHO — O ESTOPIM AGORA QUE COMEÇOU A QUEIMAR — DIZ O JOVEM POÉTA ENTREVISTADO — NOTAS.

GASPARINO DAMATA

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA, um jovem poeta de origem portuguesa há anos radicado entre nós, dirige uma revista literária, em colaboração com Fred Pinheiro — revista bastante conceituada nos vários quadrantes intelectuais do país: ORFEU. Além de revelar ao público a pujança dos melhores valores da nova geração — afirma seu diretor, nos. — a revista está no fim da propensão de fazer uma espécie de higiene na atual literatura brasileira, saná-la de suas inúmeras mazelas, oferecer sangue novo — que irá beneficiar essa velha e tradicional árvore, no momento tão cheia de falsos reagentes, tão mal adubada.

Outro dia, em palestra com Fernando Ferreira de Loanda na Livraria Livros de Portugal, a José Olímpio da nova geração, disse-me ele em meio de uma conversa bastante animada, na qual discordávamos em certos detalhes importantes embora concordássemos plenamente em essência:

— Achemos que qualquer elogio de um gagá à obra de um escritor moço, constitui, sem dúvida, uma séria ameaça a um azar. Meu velho, nós, os críticos, estamos completamente desacreditados para podermos julgar qualquer obra de arte, da mais autêntica à mais falsa; são inácuos e a maior parte das vezes jogam com conveniências. Aliás, não temos crítica. Álvaro Lins, que é sem dúvida a figura mais importante de todos que já possuímos, honesto e inteligente, há bastante tempo silenciou. O resto, é uma praga literária que empoeira — atianço-lhe.

Outra coisa: não fazemos absolutamente intercâmbio de

burrice que há entre os novos; essa história de publicar poemas, contos e ensaios de colegas nossos em revistas por eles dirigidas, como retribuição, ou mesmo notinhas autoelogiosas também não topamos de maneira alguma.

Mas, qual é o seu critério em relação à matéria recebida?

— Asseguro-lhe que procuro, nos selecionar o melhor possível a matéria recebida, quer de gente nova, quer de velha guarda.

Indagando ao entrevistado qual o juízo que os mais velhos fazem deles, respondeu-me:

— Pouco nos interessa saber o que possam pensar de nós os srs. Carlos Drummond, Frederico Schmitz, Sérgio Milliet e outros; muito menos nos interessam as opiniões omitidas por meninos, cuja existência negamos no panorama das atividades dos novos.

— Mas o chamado GRUPO ORFEU tem sido severamente criticado, acusado de barbaridades; que diz você?

— Acho injusto o julgamento que fazem quando nos acusam de que os ataques que fazemos ao sr. Carlos Drummond, o pobrezinho, se trata de um caso pessoal e não de geração e que atacando-o, e os demais, perca glória, como se isso significasse alguma coisa na obra que pretendemos construir. Queremos chamar a atenção sobre nós. Parecem ter esquecido o fogo de artifício da turminha de 22, que não teve pudor algum quando fez todo aquele estardalhaço doido, responsável pelo que há de pior no Modernismo.

Pouco depois, acrescentou:

— Em nenhuma época da

nossa literatura houve igual cabotinismo e tanto falso valor se impondo como coisa de primeira — O sr. Osvaldo de Andrade, por exemplo. Todos eles, cada qual se considerando o mais importante, poços insensíveis de vaidade, tão habituados estão a se acariciarem e trocarem elogios e citações, que quando algum novo mais ousado lhes espete de leve um alfinete, se queixam de punhaladas venenosas.

— Que acha dos que se manifestaram em "Letras e Artes" sobre os ataques que Orfeu tem feito aos de 22 e 30 — Fernando?

— Bem, que é que eu posso achar? Nada. Apenas acho curiosa a preocupação desse suplemento em mostrar nomes completamente estranhos e inexpressivos que discordam da atitude de Orfeu (dizem a atitude, o que acho engraçado) e discutem se temos ou não razão. Porque não procuram os nomes mais representativos da nova geração? — perguntou. A maioria dos que não estão ao nosso lado são os medíocres os que encontraram as portas da revista herméticamente fechadas, os cafagestes paulistas ou os de quem nem tomamos conhecimento — acrescentou. Quando Sérgio Milliet publicou nas páginas de Letras e Artes o artigo "Os gagás de 22", recebemos 37 cartas e 14 telegramas pedindo-nos que lhes respondessemos. E para todos tivemos esta resposta: queremos peixe maior, mais bonito, mais arisco e feroz!

CONFIANÇA NOS NOVOS

Hoje — diz Fernando Ferreira de Loanda, nós os de

Orfeu e os que nos cercam, fizemos muito mais do que Graciliano Ramos, José Lins do Régio, Bandeira, Drummond e Murilo quando tinham a nossa idade. Que haviam feito então? — perguntou-me o jovem poeta. Não existiam — afirmou exaltado. Se ainda não nos mostramos suficientemente é porque não temos pressa; temos o abismo e queremos pisar em terreno seguro, desejando primeiro o amadurecimento para a longa viagem.

E, procurando esclarecer melhor o seu ponto de vista:

— Há meses Gilberto Freyre publicou um artigo em "O Cruzeiro", no qual dizia que certa vez, em 1926, ouvira na Garnier Osório Duque Estrada queixar-se de que não havia mais um poeta como Bilac, um Carlos Gomes, um Pedro Américo, e lembrando que então já existiam Bandeira, Drummond, Villa-Lobos, Portinari e outros. Canso-me de ouvir vários Osórios Duque Estradas referindo-se aos novos com as mesmas palavras... Tenhamos um pouco de paciência; lembrem-se que já possuímos Darcy Damasceno, Léo Ivo, Afonso Félix de Souza, Marco Konder Reis, Bernardo Gersen, Maria Julieta, Dalton Trevisan, Edson Regis, Alphonso de Guimarães Filho, Wilson Martins e tantos outros valores que se definirão brevemente.

Fernando Ferreira de Loanda atende o sr. Antonio Pedro, proprietário da Livros de Portugal, grande amigo da turma de Orfeu; pede-me desculpa por alguns instantes. Minutos depois, prossegue nas suas interessantes declarações:

— Há um ano atrás, era

mesmo um sacrilégio falar contra Drummond e os seus companheiros. Mas depois do n. 4 de Orfeu, parece que conseguimos animar os tímidos e já somos obrigados a recusar artigos contra o pessoal de 22 e 30, principalmente os que visam o poeta de ROSA DO POVO, tantos são os que querem externar o que verdadeiramente sentem — afirma o entrevistado.

Em seguida, diz:

— Se não tenho simpatia pela obra de Drummond, não lhe nego o valor que possui e acho mesmo que tem um lugar assegurado na nossa literatura, mas que só descerá a esse lugar quando os novos acordarem e abrirem os olhos com lucidez para um honesto julgamento crítico, ou quando morrer com ele meia dúzia de amigos que o endeusam. Mário de Andrade tão louvado quando vivo, começa a ficar esquecido; o tempo enferruja-o na nossa memória, faz-lhe justiça. E como

não faz prefácios nem descobre gênios, nem escreve cartas nem tece elogios, os seus agraciados pupilos (as doces viúvinhas), esqueceram daquela figura que fascinava, embora nos esfreguem na cara, de vez em quando, uma carta de Mário e não mais se lembrem de falar, de escrever sobre ele, de forjar notinhas, de citá-lo... Mário de Andrade, o maior embromador modernista, morre por completo!

Após uma pergunta do Afonso Felix de Souza, acrescentou: — você tem lido os poemas que o Drummond tem publicado ultimamente! Ruinzinhos, não acha! O velho ainda não descobriu que o sangue esfriou! Prefiro os poemas do meu querido mestre Afonso Felix — disse rindo, dando uma palmada nas costas do poeta do "O TUNEL"

APÊLO

Antes de concluir suas declarações, o jovem diretor de Orfeu, diz:

— Faço um apêlo aos jovens que encabeçam as muitas revistas que têm surgido ultimamente, para procurarem melhorar o padrão das publicações, o conteúdo das mesmas. Aproxima-se a hora da revisão dos valores das figuras de 22 e 30, a hora de nos decidirmos por um caminho... E que sejam mais moderados nas suas paixões. Lembremo-nos que um Alberto de Oliveira, um Coelho Neto, Bilac e Guimarães Passos também foram deuses na sua época e que hoje nada nos dizem. Antes de aceitarmos as lindinhas e farfalhantes notas de Mil Cruzeiros, examinemo-as bem, que anda muito papel falso espalhado por esse Brasil.

Mas, apesar dos pesares você tem as suas admirações literárias, não é verdade, Fernando?

— Claro, meu velho! Cecília Meireles, Léo, Ivo, e Vinícius de Moraes são dos nossos poetas os que mais admiro. Releio-os frequentemente; e sempre

aprendo alguma coisa. Não escondo também a admiração que sinto por Graciliano Ramos, Alvaro Lins, Augusto Meler, Aurélio Buarque de Holanda, Gustavo Corção, Bernardo Garsen e Carpeaux — este quando divorciado do O. C. M.

Para terminar, diga-me qual o programa de Orfeu para este ano.

— Bem grande; O PANORAMA DA JOVEM POESIA BRASILEIRA, O CANCIONEIRO DE ORFEU, livros de poemas de Fred, Darcy, Bandeira Tribuzi e uma tradução do CEMITERIO MARINHO, de Valéry. Mas meu caro Damata, em 1950 é que será o nosso grande ano. E, guarde bem estas palavras na sua lembrança: hei-de fazer de Orfeu um grande capítulo na história da moderna literatura brasileira — conclui Fernando Ferreira de Loanda suas declarações — por sinal uma das mais interessantes e audaciosas desses tempos...

O RIO DO AMOR

CLÉLIA SILVEIRA

N O meu quarto, escuro e frio, de um paiz interior, indago o fundo vazio da minh'alma em estertor. Com nójo dos vermes humanos que me causaram mil danos, encerrei-me nesta rocha, apaguei a minha tocha, mergulhei na Escuridão; que ninguém venha a saber onde fui me esconder e roubar-me a Solidão!...

Sentada na pedra dura, medito, com amargura, nas vãs palavras de amor que me exauriram aos poucos de toda vida, o esplendor.

Minha dor é poderosa, como esta pedra rochosa onde cavei um refugio no meu mundo interior.

O destino pesa em meus ombros e da minh'alma em escombros saem mil gritos de horror!

Respondem os ecos dispersos

desta caverna de versos onde vim morrer de dor!

Recosto-me na rocha fria e no meu peito, sombria, repercute a sinfonia do meu mundo interior. Mas que estranha melodia se o quarto está deserto e inteiramente liberto do ruído exterior?

Acalma-te, meu coração!...

Coração, cansado dorme! Mergulhou no ventre enorme da mais negra solidão!

A sinfonia continua como balsamo consolador caído na ferida crua de um coração sofredor.

Olho os meus pés descalços e a resposta veio, então: um rio, belo e sereno, abrisse no paredão

uma brecha e invadira da minha treva, a escuridão e como amante, cobrira de beijos d'agua o meu chão!

Nas suas águas cantantes boiavam aquáticas plantinhas e ninhos de avesinhas com filhotes a pipilar! Trazia todos os segrêdos e do mundo as caricias em seus misteriosos dedos senhor das grandes blandícias. E agora, no quarto frio do meu mundo interior fico, horas esquecidas, conversando com o senhor das águas cantantes, queridas

que não temeu meu amor. Inquieto e rumcrejante ele vai, sempre a passar e suas águas amantes vêm meus pés frios beijar. E' uma história singular: no meu mundo interior, veio, sereno, morar o belo rio do amor!



"MANON"

PALESTRA LIDA AO MICROFONE DA RADIO
CLUBE DE PERNAMBUCO

LUCIEN POUESSEL

GEORGE-HENRI CLOUZOT, é um dos nossos melhores encenadores: "Le Corbeau" e "Quai des Orfèvres" tornaram-no célebre. Também a apresentação do seu último film, "MANON" era esperado com muita curiosidade, ansiedade e impaciência. Sabia-se que este film havia custado muitos esforços, tempo e dinheiro. E o título intrigava. Do que trataria Manon?

George-Henri Clouzot anunciou que havia adaptado ao nosso tempo o célebre romance de L'abbé Prévost — Clouzot conservou os nomes dos personagens e respectivos caracteres de cada um. "Distraia-me a perguntar a mim mesmo, explica Clouzot, o que fariam e seriam em nossos dias e muito precisamente no ano de 1944, no dia seguinte da libertação, uma Manon, um Desgrieux e um Lescaut".

A ação começa em junho de 1944 — Os americanos desembarcaram nas costas da França. Eles avançavam ao preço de duros combates. Numa aldeia libertada, uma rapariga, Manon, ela impulsivamente, dançou muito com os alemães em um café que era da sua mãe. Falta-se me raspar-lhe a cabeça. Um capitão de F. F. I. interveio e confia a adolescente a um dos seus soldados Robert Desgrieux, que não deve perdê-la de vista. Numa igreja fortemente bombardeada, Manon entende de seduzir Desgrieux e ela consegue com grande êxito. — Esquecido da ordem que havia recebido, Desgrieux foge com Manon: Em plena batalha, ele abandona seu posto para salvar Manon. — Ele rouba um jeep do Exército Americano e amos por ela para Paris.

Em Paris, Manon encontra seu irmão Léon Lescaut. Lescaut faz parte de um bando de traficantes do mercado negro — cinicos e grosseiros. Manon, linda e sedutora, sensual, — é a encantadora Cecile Aubry — todos estes senho-

res festejam: ela terá belas toilettes, joias e dinheiro, se ela mostrar-se gentil. Sem repugnância e sem vergonha, passa de um a outro enquanto Robert, mais simples que pôs-se-se imaginar, nada vê.

Assim mesmo ele pretende tirar Manon deste meio pervertido — ele quer conduzi-la ao seu país Natal, onde o pai de Desgrieux os acolherá — eles casarão, e se instalarão muito modestamente, numa cidade calma e aprazível, de uma boa província do centro da França. Todos estes projetos virtuosos não agradam muito a Manon, que tomou gosto pela vida luxuosa e trepidante que leva desde a sua chegada a Paris, — é tão fácil para ela obter o dinheiro do qual tem necessidade para satisfazer seus caprichos.

Manon chega a cometer graves imprudências. Desgrieux, enfim, dá-se conta da abjeção da sua amante. Mas, perdoa-lhe. E mesmo para satisfazer os desejos de Manon, — ele dedica-se ao mercado negro.

Desgrieux, agora começa a traficar — desde o cigarro até a penicilina. Porém, ele não é dotado para este gênero de negócio — seus lucros são modestos demais aos olhos da insaciável Manon. Ela prepara-se para seguir um oficial americano nos Estados Unidos, que seduzido por seus encantos, muito ingenuamente quiz des-

Desgrieux combate violentamente este projeto; Lescaut chama-o para o cinema do qual ele é diretor: ele recebeu no seu gabinete situado no sub-solo, com a intenção de conservá-lo prisioneiro todo o tempo necessário à partida de Manon — Mas, aproveitan-

do um momento de falta de atenção do seu carcereiro, Desgrieux estrangula Lescaut com o fio telefônico — e foge. —

É preciso que deixe a França para escapar à polícia. No momento de partir para Marseille, telefona a Manon para dizer-lhe adeus. É então, que Manon dá a Desgrieux a prova do seu amor. Ela abandona tudo para segui-lo. E os dois enfim unidos outra vez.

Os dois amantes embarcam clandestinamente em um cargueiro, que não menos clandestinamente envia Judeus para a Palestina.

Manon e Desgrieux, partilham da sorte destes refugiados — que, apenas desembarcados na Costa do Levante, serão perseguidos e massacrados pelos Arabes. A primeira barla atinge, a Manon. Desgrieux sepultará seu corpo nas louras areias do deserto, depois deixa-se ficar junto dela, sorrindo à morte que une àquela que ele amava tão apaixonadamente.

Esta fita levantou violentas discussões — todos são unânimes em elogiar os intérpretes — Michel Auclair e Cecile Aubry — verdadeiramente excelentes — e o operador Mr. Thirard que nos apresenta uma série de magníficas cenas. Porém é mais difícil entrar em acordo sobre as conclusões que se pode tirar de semelhante espetáculo. André Chanson reprovou em Clouzot "levar para o telão o que chamavam "O Universo Negro", "O Universo da adolescência criminosa". Clouzot pelo contrário, declara que o seu film é um film otimista.

Este film que começa com a evocação da batalha da Normandia, e termina por um episódio trágico da guerra da Pales-

tina — este film que evoca os sofrimentos, os sacrifícios e as angústias dos nossos tempos — este film não deixa de ser um film otimista — pois, que de todas estas misérias presentes — o amor pode triunfar.

SELEÇÕES DE
BERNARD SHAW

A COMPANHIA Melhoramentos de São Paulo vai lançar, em breve, em traduções de bons autores brasileiros os mais belos trabalhos de Shaw.

Entre aqueles que já estão sendo traduzidos e que dentro de pouco tempo deverão aparecer nas livrarias, contam-se os seguintes:

"Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "Cesar e Cleopatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara".

Mais um sucesso. Portanto, das Edições Melhoramentos, em seu grande esforço no sentido de enriquecer a cultura brasileira.

*



BUSTO DO POETA AUGUSTO DOS ANJOS NO PARQUE SOLON DE LUCENA

"Na Espadana Branca"

CONFERENCIA DO ESCRITOR HORTENCIO RIBEIRO

REALIZOU-SE no dia 23 do corrente, no salão nobre da Academia Paraibana de Letras, a anunciada conferência do Acadêmico Hortencio Ribeiro, sobre Venâncio Neiva.

A conferência do Acadêmico Hortencio Ribeiro constituiu um acontecimento na vida literária da Província que não regateou aplausos ao conferencista. O tema da palestra do escritor Hortencio Ribeiro estava subordinada ao título: "Venâncio Neiva, mediador entre o regimen monarca e republicano".

MORINEAU NA PARAIBA

OS jornais cariocas anunciam a proxima exhibição de Teatro de Morineau no Rio. A proposito, comentam o sucesso que essa grande artista obteve ultimamente nos palcos do norte, bem como as homenagens que recebeu em diversos Estados, inclusive a Paraíba, onde a estada de Morineau "foi um suceder de homenagens". A imprensa carioca transcreve ainda uma crônica paraibana a respeito da aposição de uma placa em homenagem a Morineau no "hall" do Teatro Santa Rosa.

ESTILO OBSCURO

DISCUTIA-SE diante de André Gide sobre o estilo obscuro em literatura.

A certa altura, intervindo na discussão, disse o autor francês:

— Em literatura e na vida, é preciso ser claro, mas não transparente.

"COGUMELOS"

EIS o título do livro de Breno Accioly a ser lançado brevemente, com prefácio do sociólogo Gilberto Freyre, ilus-

INICIATIVA DA CAIXA ECONÔMICA

A CAIXA Econômica Federal da Paraíba teve, há dias, uma iniciativa louvável que, decerto, terá a melhor repercussão nos meios culturais de nossa terra. É que a referida instituição resolveu estabelecer prêmios a quatro dos nossos melhores colaboradores, nos seguintes gêneros: ensaio, ficção, poesia e pintura.

Para isso, a Caixa Econômica Federal da Paraíba reservou a quantia de Cr\$ 2.000,00. Cada prêmio será de 500 cruzeiros. Não resta dúvida, que este gesto, quasi sempre tão raro, muito contribuirá para um maior

estímulo aos que se dedicam às atividades artísticas e literárias na província.

Convém ressaltar ainda que os aludidos prêmios só serão distribuídos aos escritores e pintores paraibanos aqui residentes.

A frente dessa iniciativa, tão digna de aplausos, encontra-se o dr. Manuel Ribeiro de Moraes, atual presidente da Caixa Econômica.

A mesa julgadora dos trabalhos a serem premiados ficou constituída dos seguintes escritores conterrâneos: Celso Mariz, Oscar de Castro e Clóvis Lima.

ESCRITORES PREFERIDOS DE RAQUEL DE QUEIROZ

NUMA entrevista que concedeu recentemente à imprensa carioca, a escritora Raquel de Queiroz cita os seguintes nomes da literatura nacional que mais lhe agradam: "Graciliano Ramos, o maior escritor, e Manuel Bandeira, o maior poeta, vivos; Machado de Assis, o maior escritor, e Castro Alves, o maior poeta, morto".

Entre os grandes romancistas da atualidade a escritora destacou os seguintes: José Lins do Rego e Amendo Fontes.

UMA ENTREVISTA DE CAMUS

POR ocasião de sua visita ao Rio, o escritor francês Albert Camus, falando ao jornalista sobre o movimento literário de seu país, aponta o poeta René Charles como uma das maiores figuras da literatura francesa de todos os tempos. Mais adiante, a uma pergunta do reporter para que ele indicasse outros nomes, declarou Camus: "Os maiores artistas são aqueles de quem não se fala. Os obscuros, os que realmente vivem para a sua arte".

ASSOCIAÇÃO PARAIBANA DE IMPRENSA

A ASSOCIAÇÃO Paraibana de Imprensa em sua última reunião reelegeu Presidente o jornalista José Leal, uma das figuras mais expressivas do jornalismo paraibano.

Nessa reunião, foram discutidos varios assuntos de importância, inclusive o da reorganização do quadro social da A.P.I.



trações de Goeldi e capa de Luiz Jardim.

Breno Accioly é um dos valores que se afirma dia a dia. O seu primeiro livro JOÃO URSO, que foi premiado duas vezes, mereceu os mais justos comentários.

UM ROMANCE DE PIRANDELLO

APÓS o êxito obtido por Os Velhos e os Moços, de Pirandello, o Instituto Progresso Editorial lançou em primorosa tradução de José Geraldo Vilela o interessantíssimo romance "A Excluída", do genial escritor italiano. Trata-se da história de uma jovem esposa injustamente acusada de infidelidade pelo marido ciumento, e que termina quase que completamente excluída do meio em que de fato passará a trair uma paria da sociedade. Mas por uma ironia da sorte, num jogo de situações bem pirandellianas, a excluída volta ao lar precisamente no momento em que de fato passará a trair o marido.

O tema pirandelliano é evidente: a máscara da pecadora imposta à personagem acaba encarnando-se na própria personagem. E sempre a luta en-

tre a forma e a matéria, entre a vida e a máscara, uma luta que sublima num plano dramático este modesto episódio provinciano. Desenvolvido sobre um esquema eminentemente teatral, tem este romance o duplo merecimento de dar relevo, cênico e ao mesmo tempo literário, ao enredo. É um fragmento de vida descrito com vivacidade de ação e riqueza pictórica de caracteres, ambientes e fatos.

PÔE E A NOVELA POLICIAL

FOI Edgar Pôe, o genio isolado da literatura americana, quem estabeleceu as bases definitivas do romance policial quando, em 1841, escreveu "Os Assassinos da Rua Morgue". Este livro apresentou os seis elementos básicos do gênero: 1. O crime aparentemente perfeito; 2. O suspeito erroneamente indicado pelas provas circunstanciais; 3. A ação desorientada da polícia; 4. O espirito agil e a observação penetrante do detective, cujo talento é anunciado por maneiras e hábitos excêntricos; 5. O admirador pouco sagaz que conta a história; 6. O axioma de que a prova superficialmente convincente é sempre sem importância.

Mais uma Exposição de Arte Abstrata

ENRICO CAMERINI

(CORRESPONDENTE DO "CORREIO DAS ARTES" EM PARIS)

PARIS, maio — Quarenta anos depois de ter nascido, o abstracionismo está dando seus últimos frutos: logo estará morto, e nos lembraremos dele como um triste documento da decadência de uma cultura e de uma sociedade. Bem o perceberam os mercantes de quadros: já começam a olhá-lo — e a nos apresentá-lo — de um outro ponto de vista. Agora nos contam sua aversa história: como um velho lobo de mar, que, definitivamente relegado à terra, passa seu tempo vangloriando-se de suas façanhas. E se de um lado estes senhores reconhecem o fim desta pintura, do outro eles fazem uma habil manobração comercial: tentam valorizar estes quadros, dando-lhes o caráter de "documento histórico", e às vezes até de "clássicos".

Mas, apesar desta natural agonia, há os que continuam a defender e a pregar esta pintura como coisa válida, e mesmo a praticá-la. Será esta mais uma tentativa de manter a arte o mais longe possível dos homens, por medo dos efeitos que ela possa ter? O caráter de vulgarização que as exposições de arte abstrata em geral assumem, na maioria dos casos é inteiramente falso. Para termos uma idéia, entremos um instante na Galeria Maeght, que está atualmente realizando duas exposições consecutivas desta pintura.

Os intelectuais de Paris gostam de ir a esta galeria. Ela é elegante, situada num bairro gracioso. O chão tapetado de bege, as paredes recobertas com um simpático tecido grosseiro, desses tecidos que fingem ser baratos. Luz ótima, poltronas confortabilíssimas. Silêncio, penetração, um que de qua-

se místico. Nada de ex-cêntrico, a não ser os quadros. Tudo concorre para dar um ar de seriedade e de coisa importante, senão qual se teria a impressão de estar em St. Germain des Prés, "chez les existentialistas".

Em S. Paulo foram organizadas recentemente duas exposições de arte abstrata. Uma no Museu de Arte Moderna e outra no Museu de Arte. Infelizmente não as vi, por isso não pos-

sse nunca antes verificado: a pintura sem assunto. Os abstratos e seus advogados afirmam que sem assunto se podem contar muitas coisas — e até certo ponto isto é verdade. As cores e as linhas, dependendo de sua intensidade, sua forma, sua direção, e da relação que há entre elas, podem dar uma sensação de ordem, de confusão, de calma, de harmonia, etcétera. Com meios puramente gráficos,

senta maior interesse. São os anos de 1910 a 1916, durante os quais os cubistas e os surrealistas lançavam estas novas idéias, que naquele tempo tinham um sentido polêmico e combativo. A segunda exposição apresentará outros sessenta quadros, datados de 1916 em diante.

Neste primeiro período há sem dúvida obras de uma força e de uma simplicidade novas. Não se pode negar a estes homens seu grande valor pictórico. É pena. Eram pintores. Se tivessem tido uma mensagem, seriam imortais. Alguns deles o são, é verdade: mas não por estes quadros.

Os expositores são muitos; não caberia aqui falar de todos. Mas alguns — e são sempre os mesmos, em todas as exposições — se sobressaem do resto por suas qualidades tão marcantes.

Os cinco quadros do período abstrato-cubista de Braque, de 1910 a 1912, são estupendos. Braque é sempre discreto e aristocrático: nunca cai na vulgaridade. Poucas cores, linhas nervosas, entrecortadas, mergulhadas numa harmonia dura e metálica de cinzas e cores. Algumas vezes, letras de cabeçalhos de jornais ou de rotulos de garrafas nos fazem voltar à razão, e valorizam as formas geométricas.

Pouco além, bastante parecidos aos de Braque, dois quadros de Picasso, datados de 1912. Uma cabeça cubista, e uma composição, talvez uma natureza morta. Quadros fortes, sérios, sólidos; Picasso e Braque são as pedras basulares deste movimento.

De Picasso há também três desenhos da mesma época. São desenhos de uma simplicidade irrisória. Uma folha de papel Ingres



DELAUNAY, RITMO

so ter uma idéia sobre elas: mas não creio que tenham vulgarizado muito. Nem o poderiam ter feito, pois a arte abstrata sempre foi a manifestação morbida e doentia de uma elite requintada e angustiada. Se esta arte não se interessa pelos homens, como poderiam estes se interessar por ela?

—x—

O abstracionismo nasceu mais ou menos em 1910; todos conhecemos as razões sociais e econômicas que produziram este fenô-

o artista quer comunicar aos outros o que se passa dentro dele. Mas esta procura acaba sendo feita só no campo dos meios a serem usados, produzindo um formalismo impotente; a pintura cai no jogo, no exercício, e, com isso, na esterilidade.

A primeira exposição da Galeria Maeght reúne cerca de setenta trabalhos. Ela abrange o primeiro período da arte abstrata, o período do pioneiro e dos iniciadores, sem dúvida o mais sólido, o que apre-

branco, a vidrada com poucos traços retos em superfícies menores. Algumas destas superfícies são recobertas com retalhos de jornais: são os "papier collés". Com estes poucos meios, Picasso cria realmente alguma coisa: é a justeza das relações entre as superfícies que gera um ritmo e um movimento.

Depois Kandinsky, o russo, tão diferente destes dois primeiros, e tão grande: o Kandinsky de 1910, 1911 e 1912. Quatro obras suas estão expostas. Poderiam ser paisagens: estas suas composições de estranhas figuras vivamente coloridas, estas suas formas que tem algo de flúido e parecem obstar-se derretendo ou se transformando em fumo, ou em fogos de artilharia. Os volumes e as cores formam um conjunto harmônico: cada um destes elementos serve para valorizar os outros; tudo é funcional. Este é o mais belo período da arte de Kandinsky.

Perto dele, Mondrian

parece seco, hermético, frio. Seus quadros despertam uma certa curiosidade, mas faltam de humor e de leveza. No fim, são cansativos.

Delaunay é alegre vivo como as cores que usa; parece às vezes que ele pinta para se divertir, ou para nos divertir. Alguns quadros do Léger destes anos (seu melhor período) mostram um homem isolado do resto do grupo. Por mais relação que sua pintura tenha com os outros, ele sempre manterá uma certa distância que dará às suas obras um caráter muito pessoal.

Estes são os principais elementos deste movimento: muitos os seguiram. Todos acabaram procurando uma forma bonita de falar sem dizer nada. E o conseguiram. Sua posição era falsa, apesar de bem intencionada. Insistiram na resistência passiva e não perceberam que esta pintura, da qual eles tentaram fazer uma arma útil, se virou contra eles e contra seus ideais.



POEMA

CELSE OTAVIO NOVAIS

FRANCESCA
VAMOS BRINCAR DE FELICIDADE
SEREMOS AO AMANHECER
UMA HISTÓRIA DE AMOR
NÃO CONSENTIREI
QUE O TEU ROSTO
SEJA A IMITAÇÃO DO SOFRIMENTO
CONSENTIREI QUE ELE SEJA MEU
DE MAIS NINGUEM
SEM NENHUMA MALDADE DO MUNDO

E SE A NOSSA VIDA NÃO FOR
AQUILO QUE A GENTE QUIZER
AO SENHOR PEDIREI
QUE DÊ UM GEITO NELA
FAREI UMA PROMESSA ATÉ
DE NÃO OLHAR NUNCA MAIS
NO TEU ROSTO QUE EU CONHECI
A FELICIDADE DO MEU AUSENTE
VAMOS FRANCESCA
SER UMA HISTÓRIA DE AMOR.

"PETALAS AO VENTO"

EDUARDO MARTINS

O hai-kai, no Ocidente e, em particular, no Brasil, com ta já com um certo número de poetas, reduzidíssimo aliás, que tem procurado adaptá-lo às condições ambientais, e com um já regular número de admiradores.

Não sei se por se tratar de uma forma poética que está a exigir do leitor um tanto de esforço mental para uma perfeita compreensão, ou, por ser uma modalidade de forma que apenas sugere — mas que quando entendido encerra "um concelho, um drama, um poema, às vezes deliciosamente não raro profundamente", como disse Afrânio Peixoto, — e o certo é que o hai-kai tem tido grandes cultores como Osório Dutra, Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Oldegar Vieira, João Pinheiro Lyra e outros, mas que ainda não che-

gou ao gosto da maioria dos leitores, nem a isso poderá, pois que o leitor comum, quase sempre, é adépto do poema longo, do poema que "diz" e o hai-kai, feito de subtilezas a isso não se presta, é muito delicado.

Entre os propagadores do hai-kai surge, agora, em São Paulo, com "Pétalas ao vento", a poetisa Fanny Luza Dupré, conhecedora, ao que nos parece, da difícil arte dessa composição poética oriental. E elogio maior, não poderíamos fazer a um livro, como a de querermos transcrevê-lo na íntegra, o que infelizmente não nos é possível. Mas aqui, vai, nessa dezena de composições, uma amostra do que seja o talento criador desta estranha poetisa paulista.

No sopé da Serra...
Carambolas deliciosas
matam minha sede.

Ah! fôlha caída!
Belos frutos sazonados
ornamentaste ontem.

Vastos pinheirais!
E' clara noite de lua...
Mais abaixo, o mar.

Arenosa estrada...
Tu me levavas ao fim
desta caminhada...

Índio côm-de-bronze...
Mata o sabiá, disparando
a flecha certeira...

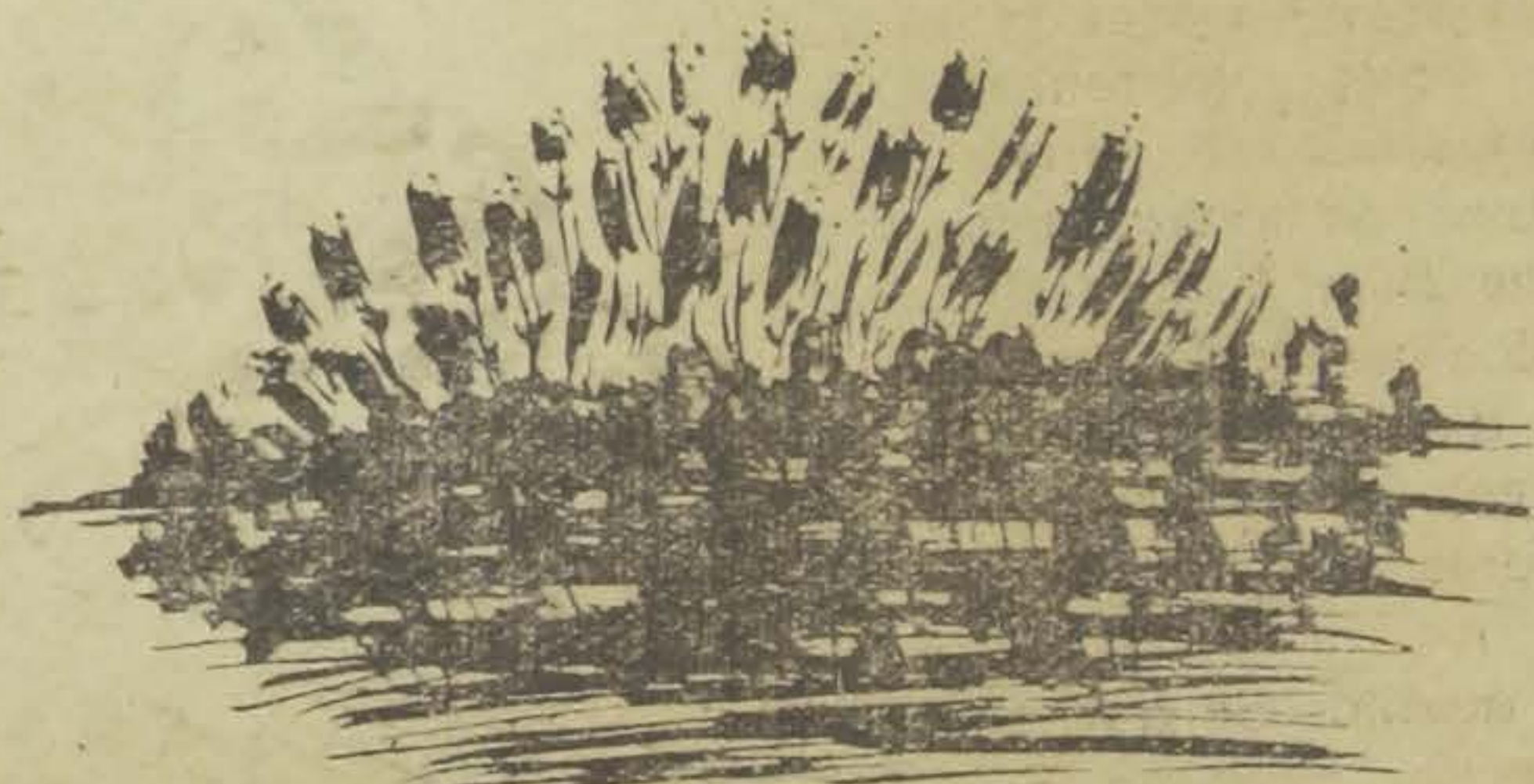
De rosto trigueiro
o pescador sai ao mar...
A lua descamba!

Bathadas de sol,
ondas rolando sobre on-
das...
Amplô mar deserto!

A vida é fugaz.
Não sejamos nós perversos.
O amor enaltece.

O vento soprou
Do ipê flores róxas
caem...
Ah! não voltas mais!

Imenso este mundo.
Prolongada, árdua
refa!
Compreendê-las?



Uma Tragedia de Eurípedes

HILTON MARINHO

As nossas preocupações, os nossos problemas sem soluções fáceis, a nossa inquietação de homens contemporâneos do rádio, do avião e da desagregação atômica, não favorecem decerto uma compreensão, ou digamos melhor, uma identificação com o pensamento de um grego dos tempos de Salamina. Entretanto, por sua vez, o sentimento estético e as disposições românticas e poéticas de cada um de nós, o nosso eterno sentimentalismo e saudosismo latino, este na sua sã apresentação, nos impulsiona à admiração e ao entendimento de um Eurípedes ou um Homero, Sófocles ou Menandro.

Assistindo a uma representação de Medéa, de Eurípedes, que o amor à arte e o talento de Henriette Morineau houve por bem nos oferecer, confirmei a aceitação, em fé inabalável, da eternidade da arte. As paixões humanas são idênticas, é bem verdade, entre os gregos antigos e os brasileiros ou franceses da atualidade, não se constituindo em surpresa para o espectador do século vinte. O amor de Medéa, o ódio de Médéa, o ciúme de Medéa, são bem compreensíveis ainda hoje. O que na realidade surpreende, é constatar o progresso da arte cênica e o amor à perfeição em tão remotos tempos. Crescemos em admiração, ao verificarmos que em teatro bem poucos progressos têm sido realizados, principalmente se considerarmos os fatores tempo, este bem expressivo nos 405 anos de Cristo aos nossos dias e os do desenvolvimento da técnica. Sem os recursos de iluminação e acústica, de cenário e outros auxílios de que dispõe o teatro moderno, Eurípedes suporta confronto

com qualquer autor dos nossos dias, bem assim o teatro grego em geral.

Os efeitos que o jogo de luz proporciona ao teatro atual, ajudando ao ator transmitir emoções, na Grécia antiga eram obtidos por força do ritmo e sentido filosófico ou poético dos diálogos ou do cântico. A frase tudo expressava. O ritmo em crescendo ou em outras variações, completava o pensamento do autor.

Em se tratando de Medéa, na versão que Mme. Morineau nos apresentou, poderíamos alegar como fator do sucesso obtido, o fato do texto original ter sido adaptado ao público atual, sofrendo cortes e tendo sido traduzido livremente. A alegação perde de importância, se considerarmos os cortes realizados e a liberdade de tradução como incapazes de alterar o sentido tradicional da tragédia, sua poesia e o seu sentido filosófico.

O lendário, a fuga ao extra-humano, a cooperação dos Deuses, facilitam ao teatro grego alcançar o grandioso. O heroico é realmente impressionante, mesmo para o sensibilidade de um burguês intolerante. Vejamos o início de Medéa. Ao abrir do pano,

um só personagem, em tom evocativo, põe o mundo dentro do palco: "Antes o navio Argus nunca houvesse passado pelo canal de rochedos movediços, na sua viagem para Corquida..."

As imagens, o empolgante da aventura, a lenda, tomam ao espectador de assalto. As idealizações, a fantasia, o desconhecido aventureiro, são atores e comandam as emoções. Hércules, Jasão, Orfeu, todos os Argonautas se nos mostram e emocionam. Uma frase evocativa é o "abre-te Sêzamo" da nossa sensibilidade.

O descritivo na tragédia, faz decorrer a ação em dois planos durante grande parte do espetáculo. Ao se completarem, tomam a atenção do assistente evitando o enfado dos longos atos. Recurso de inteligência e perfeição de técnica.

Características bem nítidas no teatro grego, a universalidade dos temas e a fuga ao regional, suplantam a monotonia que poderíamos esperar, considerando a pequenez do mundo que os gregos conheciam e teriam de explorar como assunto de suas composições.

A maturidade dos conceitos e a intenção filosófica, ao contrário do que

poderia parecer, não afetam a criação poética, a feição estética, o sentimento do autor. Antes, muito pelo contrário como que se identificam, criando um conjunto harmonioso de conteúdo e forma. Conteúdo que mantém sem desdoro as tradições de cultura e brilho do pensamento helênico; forma que ainda agora traça normas e diretrizes estéticas na poesia e nas artes plásticas.

Uma outra característica bem marcante aliás, como que determina uma superioridade dos autores gregos sobre os nossos, os contemporâneos: Os tipos humanos, as figuras, as criações. Embora cívico de lendas, reduzindo a um mesmo plano de ações homens e Deuses, eles, os gregos, nunca exploraram o lado negativo da espécie humana, jamais se valeiram dos sub-tipos, das aberrações, das degradações, para explicar a conduta dos seus personagens. Medéa mata aos filhos, não porque fosse uma anormal, mas em consequência da paixão. O amor, o ciúme, o ódio, entre os helênicos, se apresentavam como sentimentos possíveis em criaturas normais. O que não era humano, era divino. O senso de superioridade, o reconhecimento e o culto da dignidade humana, eram obstáculos muito difíceis de ser transpostos.

Eurípedes se nos afigura um perfeito conhecedor da alma, mesmo sem a ajuda dos ensinamentos técnicos da psicanálise. Um poeta pela forma e sentimento, um filósofo pelos conceitos políticos e interpretação da vida.

A universalidade do tema, a clareza dos conceitos, o poder de imaginação transportaram a obra de Eurípedes através dos séculos, vencendo ao tempo em busca da eternidade.



O Deserto e os Números

Um Livro Tanático

ABAETÉ DE MEDEIROS

Ao se ler um livro (ler e não folhear; lê-se um livro que oferece interesse e folheia-se um livro que se desdenha, que jámais será lido) pode nos ocorrer o impulso de falar ou escrever sobre ele. Apartando da discussão a "crítica amiga" ou "dos amigos", de significação puramente cooperativista, (cooperativa afetiva, mas cooperativa; a crítica profissionalista dos rodapés remunerados, de Super-Ego precário porque acima ou ao lado dele está o Alter-Ego da direção do jornal e da revista, embora não se possa negar a existência das exceções honrosas de espíritos independentes, ou a crítica inócua dos cronistas diletantes em geral gongóricos e nefelibatas, resta uma derradeira crítica que é expressão do impulso de escrever sobre um livro movido apenas pela energia mesma do livro, das suas páginas no que elas contêm de excitante. Julgo "O deserto e os números" do sr. Edson Regis uma obra capaz de provocar uma crítica desta natureza, uma crítica que pode surgir à saída de um livro ou pode surgir cem ou duzentos anos depois.

Do sr. Edson Regis a quem talvez já não conheça, apresentados que fomos por alguém, parece-me, num salão de pintura, não me recordo bem se de Cícero Dias, guardo, contudo, uma impressão vaga de um moço pálido, sério e muito reservado. Os versos esparsos que tinha lido dele até aquela data e os que depois vim a ler até o seu presente livro nada me diziam, também, a

respeito da sua personalidade a não ser de maneira incompleta e obscura.

N"O deserto e os números" sinto configurar-se com mais nitidez este personagem através dos poemas ainda os mais herméticos do que no rapaz colado e parado que ficou na minha memória fisionômica. Esta poesia subjetiva e cristã é, porém, ainda o prolongamento do rapaz reservado e silencioso do rápido conhecimento que com ele travei.

Impressiona-me o autor de "O deserto e os números" antes de tudo como o poeta da morte. Neste poeta está, positivamente, um homem menos pressionado pelos impulsos de vida do que pelos impulsos de morte; menos dominado por Eros do que por Tanatos. E da sua poesia pode-se dizer que é uma poesia tanática.

Moveram-me a falar do sr. Edson Regis seis poemas do seu livro, ao meu ver claramente separáveis dos demais. O que pode ser expressão de puro gosto temperamental. Entretanto, neste depoimento que não posso classificar de "crítica" de nenhuma ordem, reconheço-me o direito de escolher, de preferir e julgar (claro que para mim mesmo) como os melhores produções do livro: "Composição III", "Elegia de Deolindo Tavares", "Primeira cena", "Os dois papéis", "Apelo" e "As canções e a morte".

A subjetividade é inegavelmente, uma das mais sensíveis qualidades do autor destes poemas e sobretudo nestes poemas é que ela se apresenta de maneira mais absoluta.

Em "Composição III", um poema integralmente harmonioso onde há uma admirável inspiração elegiaca e uma musicalidade límpida como o canto de uma fonte encontro o primeiro grande poema de "O deserto e os números".

São quatro estrofes somente e não resisto à íntima volúpia de transcrevê-lo:

"Preciso do mar como de um poema,
preciso das nuvens como de meu sangue:
mar, poema, sangue e nuvens
e o grito da noite nas folhas do outono.

Rolamos no líquido entendimento do silêncio
sobre as frias areias e entre os musgos.
A mansidão lunar morde-me as pálpebras
e no centro da noite estende-se o infinito.

A essência do poema é um sinal de viagem
pelo teu corpo, pelas cidades, mar ou deserto,
nuvem ou infância, reino do inesperado,
sempre viagem e a translúcida presença da morte.

Inútil para novo poema rolar satisfeito
ante a mesma paisagem mil vezes revelada:
preciso do mar como de um poema,
preciso das nuvens como de meu sangue, ou de um

Francamente, isto é belo, é algo feito de nuvens, de lua, de sangue e de infinito. E de sensibilidade, de nervos. Não seria preciso nada mais para identificação de um poeta. Mas é a "Elegia de Deolindo Tavares"? Que talvez teria sido melhor denominada: "Elegia para Deolindo Tavares" ou "a Deolindo"? Onde há entre outras coisas de estranho sabor estético esta pergunta nestes versos de extraordinária fulguração:

"Não foste aquele marinheiro
que qualquer dia encontraria a morte
trespassado por um arco-iris?"



ILUSTRAÇÃO DE SANTA ROSA PARA CRIME E CASTIGO
(EDIÇÃO DE JOSÉ OLYMPIO)

E que termina com esta suprema alucinação de supra-percepção poética:

"Ouço o teu canto atravessando o tempo,
o teu canto da cor dos teus olhos elásticos diante da [poesia
aprisionando nas suas asas de luz instantânea e pura
as músicas de todas as madrugadas frias".

Julgo inútil apontar a fina essência destes versos como se fisesse um peixe e o estendesse ao freghês na ponta de um anzol. Não. Aí está nesse pedaço de poema, como dentro de uma rede, um cardume de peixes de ouro.

Também em "Ponto zero" multiplicam-se inteligentemente dissociadas e como que todas impregnadas de um subjetivismo mágico, idéias múltiplas que nos penetram em lampejos mas se materializam no recesso do nosso subconsciente como se fossem senhas ou sinais ou fluidos catalíticos para a prodigiosa revelação. Porque na verdade temos o mundo todo dentro de nós. Porque, afinal de contas, em tudo são:

"Os mesmos jogos sobre as mesmas léguas,
o mundo enfermo, pálido, sem nome".

"Primeira cena" é outro misterioso poema que me parece satisfatório, que é capaz de agitar nossa vida interior como uma obra criada para simbolização na vida e no tempo, espécie de provação de um mito, de tragédia grega, de decifração edipiana:

"A emoção bolia comigo, me dominava,
comecei a pensar que estava sendo um impecilho.
.....
Mas o meu pai estava morto,
a minha infância destruída, eu era dono do [mundo".

"Os dois papéis" constitui a realização de uma das mais difíceis obras de arte poética que conheço. Sugere-me Proust interpretado poeticamente. Julgaria pretensioso e tolo o querer-se uma exegese deste profundo poema. Sinto, lendo-o, a surpreendente e apocalíptica

potência do nada, como o pensamento pode como um sopro que lembra o hálito divino, tirar do nada a grandeza do sonho.

"Apenas um papel de hoje,
mundo mas conversando, com gestos noturnos".

Não quero deixar de citar "Apêlo" como um bom soneto. E quero concluir citando o "meu" último poema escolhido do livro do sr. Edson Regis que é também o último do livro.

Como a totalidade dos poemas do sr. Regis este "As canções e a morte" tem como *leit-motiv* simplesmente: a morte. Aqui então, desmascaradamente: a morte. Há um bom e lírico poeta vivo, o sr. Olegário Mariano que reivindica para si o título de "enamorado da vida". O sr. Regis tem direito, com este livro, ao título de "enamorado da morte".

São em número de trinta e duas as produções do seu caderno de poesia; destas, vinte e sete possuem a palavra morte no meio dos seus versos, morte ou morto ou suicídio. Seria interessante transcrever todos esses versos mas a minha pachorra não chega para tanto, limito-a a dar o número desses versos tanáticos: trinta e cinco. Só no poema "O anúncio da morte" encontra-se seis vezes a palavra morte, se incluímos o título. Em "as canções e a morte" cinco vezes. E podemos acrescentar que naquelas poesias em que não está escrito morte, ela, a morte, a bem-amada do poeta, está espectralmente presente, está implicitamente subentendida.

A poesia do sr. Edson Regis me lembra Alphonsus de Guimarães na sua tanatofilia dolente. Sugere com a sua musicalidade melancólica Musset, Baudelaire entre os grandes mestres. E, também, Alvares de Azevedo sem a sua ironia, sem o seu *spleen*, sem o seu satanismo; um Deolindo Tavares menos metafísico. O sr. Edson Regis com "O deserto e os números" pode ser colocado ao lado do sr. Manoel Cavalcanti de "A veste do tempo" sem embargo da diversidade de gênero, de técnica, de estilo; do sr. João Cabral de Melo Neto de "Pedra do sono", "O engenheiro" e "Psicologia da composição", pela subjetividade, pluri-valência e dissociação hermética do seu pensamento poético.

MEMÓRIAS DE UM CACADOR DE AUTOGRAFOS

HERMAN LIMA

BEM sei que não é mais deste tempo — isto de andar caçando autografos, num livro em geral luxuoso como cofre de joias. Há, é certo, os que pedem os rabiscos do grande homem num programa de concerto ou num "menu" de restaurante. Outros, ainda, como João Conde, que batem à máquina um calhamaço de oitocentas paginas, para guardarem o manuscrito original.

Eu porém confesso com destaque o prazer solitário do meu "hobby".

Vem de longe este livro de folhas amareladas, a que andei intercalando outras branquinhas, por excesso de lotação. Estrado

há trinta anos, na clara e alegre Fortaleza da minha adolescência, numa mesinha do extinto Café Riche, onde se reuniam à tardinha os príncipes das letras nativas, como os novigos do meu padrão.

José Albano, que reencontrou Camões neste século, foi o primeiro, com a perfeição daquele soneto que é um dos maiores da língua: Poeta fui e do aspero destino...

Antônio Salles, grande nome também das letras açorianas; Cruz Filho, Quintino Cunha, o poeta boêmio do Solimões; Leonardo Motta, Papi Junior, Rodolfo Teophilo, já bem velho, sem deixar mais

sua rede patriciada na sua chacara do Benfica; Saboia Ribeiro, meu amigo dos primeiros sonhos literários, meu amigo de sempre; Carlos Gondim, tão grande no talento como no infortúnio; Leão de Vasconcelos, que antes de ser o grande advogado de agora andava frequentemente na companhia de Samain e de Vericaine; Clovis Monteiro, atual Secretário da Educação da Prefeitura; o deputado Beni Carvalho, Mario Linhares e tantos e tantos mais que a vida dispersou por todos os quadrantes das atividades nacionais ou levou de vez para o outro lado.

Depois, numa escala de

cabotagem para o sul — a velha guarda de Recife — meu querido Mario Sette, o historiador Mario Melo, os poetas Silva Lobato, Costa Rego Junior e Araújo Filho, o velho Faria Neves Sobrinho, o imenso Ascenso Ferreira.

Muita gente da Bahia, toda essa que vive na minha afeição e no meu apreço, Carlos Chiacchio, Arthur de Salles, Eugenio Gomes, Rafael Barbosa, Godofredo Filho, Pethion de Villar, Roberto Correia, Pinheiro de Lemos, o velho Seabra, com umas "lembranças da Bahia", quando ele era ainda o loiô da mulata velha, aí por 1922...

O Rio, por fim, mas aqui é o Brasil todo, de norte a sul, a porta do nosso mundo. Cabe toda gente nestas paginas, da arena real da Academia ao Vermelhinho.

Para começar, uma folha gaiata, onde se reuniram

quatro do Petit Trianon:

"Um autografo? Aqui está". — Medeiros e Albuquerque.

"O casamento é o amor feito funcionario". — Afrânio Peixoto.

"A mulher que uma vez escorregou tem sempre um resto de sabão no salto do sapato". — Humberto de Campos.

E basta, nesta pagina... — Rodrigo Octavio.

Coelho Netto desenha naquela caligrafia de toda a vida: "O amor é um destino como a morte. Não se procura. Espera-se".

João Ribeiro, sempre ele mesmo, escreve: "O meu nome nada significa. Não honra este album, mas é honrado por ele. E eis a razão deste autografo".

O professor Aloysio de Castro fez o auto-retrato: "Aqui deixo o meu nome, como se deixara um sorriso".

Roquette Pinto sacode o panache: "Crer e agir".

Ha os que preferem recordar um verso, uma frase de livro, receiosos da traição da musa:

"Na larga noite da fazenda, tudo era extático e feliz. Ficamos sorrindo um para o outro, sem dizer nada, satisfeitos de sermos nós mesmos, de estarmos ali". Ribeiro Couto.

"O negro Henrique sorriu, disse pra mulata: — Vamos dormir sem sonhar?" — Jorge Amado.

... "quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague..." — Rachel de Queiroz.

"Menino perdido, menino de engenho." — José Lins do Rego.

Assim também Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Anibal Machado.

Augusto Frederico Schmidt vem, todo de preto e sinistro: "Sou como um passaro cego voando na eterna escuridão".

José Américo deixa uma frase do prefacio da Bagacira: "Ha muitas formas de dizer a verdade. E talvez a mais persuasiva seja a que tenha a aparência de manetira".

Mas, ha improvisos também: "Modesta lembrança". — Augusto de Lima.

"Deixo aqui um grande abraço ao Herman Lima — é a unica coisa que me accade na hora". — Marques Rebello.

"Só não ha filas para a poesia". — Murillo Mendes.

Julio Dantas, ao passar pela Bahia, em 1922, cita a si mesmo, pela centesima ou milésima vez: "Pode-se lá viver sem ter amado alguem!"

Uns versos de Constancia Alves e um soneto parnasiano, pois não, de R. Magalhães Junior: A Bela Adormecida.

Uma frase de Hydeo Noguchi, o japonês que violou os segredos da febre amarela, para lhe morrer depois nas garras.

A firma do Presidente Vargas; de Antonio José de Almeida, de Portugal; de Osvaldo Aranha, do pintor Antonio Parreiras, de Genolino Amado, de André Maurois.

Uma quadra em alemão, de Stefan Zweig. Duas paginas adiante, um conceito filosofico de Hernandez Catá, duma semana antes de sua morte.

Georges Bernanos escreve: "Il faut d'abord croire à l'homme pour l'aimer".

E Paul Morand: "Le Brésil, un de seuls sourires que Dieu ait fait à l'homme".

Selma Lagerlof também está presente, a querida velhinha, cuja lembrança não poso evocar sem uma ternura profunda e uma saudade tão grande como duma criatura do meu sangue e do meu coração. E Giovanni Papini, que fui ver em Florença, entre paredes altíssimas, cobertas de livros, do seu imenso gabinete de trabalho, na hora em que o visitava, por sinal, um bispo italiano, todo de purpura, como descido justamente duma tela de Velasquez — rispido Papini, de óculos de meio centimetro de espessura, dum estrabismo feroz e perturbador. Aqui e ali, umas coisas deliciosas: "Um poe-

ta que ama está amando sempre a mesma mulher. Mas, não sabe qual." — Alvaro Moreyra.

"Deus lhe pague" — Joracy Camargo.

"O amor eterno foi uma invenção das mulheres feias. A primeira mulher feia não era feminista: era inventora..." — Henrique Pongetti.

"No romance antigo, a lua era a atalaia otelica dos viajores perdidos. Agora a lua é lua mesmo". — Vianna Moog.

"Tinha uma pedra no meio do caminho."

" " " " " " " "

Etc. etc. — si cette chanson vous embête". — Carlos Drummond de Andrade.

"Inutilmente tentei fazer que o Herman desistisse deste atentado contra um tão maravilhoso album de autografos aberto por Bernardo Shaw e iluminado pelo arcaico de Wells: introduzi nele algo escrito com a infame letra do Monteiro Lobato".

E outros tantos e tantos, velhos e novos, e, mais, compassos de músicas de Hekel Tavares, Villalobos e Francisco Braga e, pelo meio, um rosário de aquarelas, croquis a pena, caricaturas, sim, senhores, de Portinari, Jordão de Oliveira, Henrique Cavalleiro, Manuel e Haydée Santiago, Calixto e Raul; Correia Dias, numa admiravel illustração a uns versos de Cecilia Meireles; uns gatos deliciosos de Foujita; um original de Parlogreco; charges de Théo, Alvarus e Mendez, nas quais appareço em carne e osso; preciosos desenhos de Santa Rosa e Prasciliano Silva; um estupendo Olegário Marianno, de Guevara; uma xilografia do grande Osvaldo Goeldi; esplendidas illustrações de Monteiro Filho, Luis Jardim e dos portugueses Jeronymo Ribeiro, Arcindo Madeira e Piló, e mais coisas, tão nossas, de Moura, Eu-

clydes Santos, Orlando Mattos, Luis Sá; uma das mais belas "cabeças" de Armando Pacheco, e mais Augusto Rodrigues, na mesma pagina com o Barão de Itararé ("O homem deve viver até os setenta. Mas, se estiver cansado, se senta."); umas "diabruras" de Yantok e Helios Seelinger; uma melindrosa de 1926, do melhor J. Carlos.

Agora, algumas conclusões a tirar desta vasta colheita: uma é que um livro destes é um excelente cartão de visitas, pois lhe devo amizades que duram até hoje; outra é que ninguém se recusa a dar um autografo — quando há certas precedências. A vaidade humana é como o número dos bem-aventurados — é infinita.

A ultima experiência tive ainda em Londres, poucos dias antes da minha volta ao Brasil.

Sem tempo de procurar mais nenhum, visitei os dois mais famosos especímenes do mundo das letras do momento: Shaw e H. G. Wells.

Uma carta bem atrevida a Mr. Shaw e fui levá-la à sua casa, com o livro. A secretaria do blaguer de genio teve um sorriso amarelo:

"I dont know Mr. Shaw will... "Mas eu cortei a deixa, insisti que o album ficasse. Dias depois, lá estava a firma do velho Meffistofeles Irlandês, lembrando as preferencias cromáticas, numa das paginas amarelecidas pelo tempo:

"This seems to be the only yellow page left blank" — num trocadilho de matar de inveja muito campeão destes bandos.

Com Mr. Wells foi melhor. Levei-lhe o album que ficou em mãos do butler empertigado e sisudo, para no outro dia receber um aviso laconico: "Mr. Wells só dá autografos em troca dum donativo de dois chelins e meio, para a Associação dos Diabeticos, da qual é presidente".

Montaigne - O Primeiro Cidadão do Mundo

ROBERT LAULAN

Portunant STROWSKI, a quem sua bela edição de Montaigne, Edição Municipal de Bordeus, assegurou em 1908 uma precoce notoriedade, passou os anos da guerra e após guerra no Brasil. Longe, mas acolhido com amável simpatia, pôde ali — com sete outros universitários — ensinar em língua francesa; teve ensejo de meditar no amor da pátria, no amor ao gênero humano. Sentiu assim melhor os ensinamentos do seu mestre MONTAIGNE sobre esses dois sentimentos; o resultado dessas reflexões, acrescido de algumas descobertas sobre o autor dos Ensaíes, ele veio confiar em Paris a seus colegas da Academia de Ciências Morais e Políticas, onde dias depois interviria um erudito brasileiro o Snr. Cristovam de Camargo.

Ha 50 anos, disse STROWSKI, esse assunto da pátria e da comunidade humana pareceria trivial, hoje assumiu tremenda atualidade, devido a dois movimentos que comovem o mundo, causando tantas amarguras, injustiças e crimes: o nacionalismo e o bolchevismo. Forçamos a retomar a discussão. Essas ideologias pretendem impôr-se à realidade; a pátria e a comunidade do gênero humano, são realidades que se impõem à ideologia.

E' então, infelizmente, que ambas se estão tornando. Não é pois inútil mostrar como foram compreendidas por um gênio como MONTAIGNE, e associadas a seu pensamento e conduta; isso se deve as descobertas de pacientes eruditos.

MONTAIGNE desempenhou papel político pouco conhecido mas importante; deu a sua terra "sua atenção", seus passos, suas palavras, seu suor, e se necessário o seu "sangue" como prometia a seus admi-

nistrados quando o elegeram Prefeito de BORDEUS.

Quando ainda ele era apenas Conselheiro no Parlamento, tendo as guerras religiosas quebrado a unidade organica da França, se uniu a outro conselheiro, LA' BOETIE, para fazer prevalecer um plano de conciliação das duas crenças em que se repartiam os franceses. Mas, seu colega e amigo morreu em plena ação. A corte e o chanceler de l'Hopital tomavam partido por essa tolerancia que levaria à "Saint Bartholemy" e MONTAIGNE desistiu. Resignou suas funções retirando-se para o seu castelo onde começou a escrever os "Ensaíes" — o que era ainda uma forma, e a melhor de servir a seu país.

Dois anos depois viajava para a Italia quando Henrique III lhe escreveu que apressasse o regresso. Acabava de ser eleito, na ausencia PREFEITO de BORDEUS, cargo invejado em que podia prestar grandes serviços ao seu soberano, que o apreciava tanto quando seu adversario Henrique de Navarra, futuro Henrique IV.

Abundam agora as provas da intervenção de MONTAIGNE entre esses dois primazes, que eram cunhados, e dos quais o primeiro apreciava seu rival e sucessor. Este não hesitou em abandonar momentaneamente os seus partidarios, em plena vitória, em Contras, para ir consultar MONTAIGNE no seu Castelo, sobre a conduta a seguir para não ser tido como rebelde.

Esse serviço à Pátria levaria MONTAIGNE em 1588 a deixar as suas propriedades rumo a Paris, sob o pretexto de vigiar uma nova edição dos "ENSAÍOS". Os caminhos eram inseguros. Foi detido ao atravessar uma floresta, a vida ameaçada, as baga-

gens revirados e ao chegar em Paris foi metido na Bastilha. Sabe-se agora, ante a decifração de mensagens do enviado espanhol, que ele viajara com a missão de negociar um acordo entre Henriques de Navarra e o arrogante chefe catolico, Duque de Guise, que ia ser assassinado.

Patriota, MONTAIGNE tinha também a consciencia de ser membro da comunidade humana. "Estimo todos os homens, meus compatriotas, e abraço um polonês como um francês pondo as ligações nacionais depois da universal e comum".

Suas origens familiares teriam influencias. Sua mãe, Antonieta Lopes de

Vallanueya, pertencia a uma familia de judeus espanhóis convertidos, de Saragoça, com alta posição. Os Lopes tinham muitas ramificações na Europa e essa parentela contribuiu para alargar os horizontes do filosofo, que pelo sangue e pela afecção se via ligado por liames diversos dos que formam a Pátria.

MONTESQUIEU pensava o mesmo ao escrever. "Eu tinha o espirito realmente patriota, amava meu país, não só por lá ter nascido, mas por ser parte da grande pátria que é o universo. Se eu soubesse coisa útil a minha pátria mas... prejudicial ao gênero humano tê-la-ia olhado como um crime!"



ILUSTRAÇÃO DE HERMANO JOSÉ PARA UM CONTO DE KAFKA (REPRODUZIDO DE REGIÃO — N.º 11)

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

MANOEL MAIA

1812 — 1892

MANOEL ALVES MAIA, nasceu em Catolé do Rocha, no ano de 1812. Exerceu a magistratura durante longo tempo, sendo juiz de paz por mais de vinte anos. Sempre teve inclinação para a poesia.

Faleceu, em sua terra natal, aos oitenta anos de idade.

CATOLÉ

Na qualidade de côco, és corregado,
Teu azeite aos queixosos é nocivo,
Teu madeiro se mostra um pouco ativo,
Teu sabor, nem por isso é sublimado.

T's, no caso de terreno, mal povoado,
Teu antigo fundador, bem pouco ativo,
Sobre as grutas te cravou, só por motivo
De ficar do Coiarcú bem refrescado.

Os indígenas, assim, te nominaram
Quando, terra sem cultura, eras beleza.
Que os antigos lusitanos encontraram.

Descoberto foste tú, já com riqueza
Prodigalidade, em ti, p'ra tudo acharam,
Pois, de tudo te ornou a natureza.

CONEGO BERNARDO

1833 — 1908

BERNARDO DE CARVALHO ANDRADE, nasceu na fazenda Maturéia, duas leguas além de Teixeira, em 20 de julho de 1833, filho de Bernardo de Carvalho Andrade Cunha e de d. Ana Guedes Alcoforado. Teve, como professor primário, um desconhecido qualquer, que, lá, na fazenda lhe ensinou o a b c. Em 1846 recebeu as primeiras lições de latim e humanidades, do padre Vicente Xavier de Farias que ali se estabeleceu naquele ano. No seminário de Olinda, conheceu o seminarista Cicero Romão Batista, anos mais tarde, envolvido no embuste de Joazeiro.

Em 1860, aos 27 anos de idade, ordenado, encarregou-se da capelania de Santa Luzia do Sabugi, onde permaneceu por longo tempo; em 1883 consegue, lá mesmo, reunir todos os vigários do sertão da Província, para em 19 de março realizar as exequias solenes pelo padre mestre Ibiapina, e um ano mais tarde é elevado à alta dignidade de Arcipreste, durante seis anos, até a criação da diocese da Paraíba, sendo então removido para a freguesia de Santo Antônio da Vitória, em Pernambuco, onde aí viveu até o fim de seus dias. Deputado, foi um legítimo defensor do povo.

Grande amigo das letras, era o cônego Bernardo, poeta de mérito regular. Entre os seus papéis foi encontrado um livro de versos, manuscrito, de sua autoria.

Faleceu em 31 de agosto de 1908.

PENSANDO

Se observo a estrela a cintilar brilhante,
Com luz cambiante alentando as flôres,

E a natureza em constante calma
Infiltrando n'alma um cismar d'amores;

Se remiro a lua prateando os lagos,
Com mil afagos recobrindo os montes,
E a Filomela a descantar saudosas,
Torna, amorosa, bem ao pé da fonte;

Se percebo a rola a gemer no mato
Junto ao regato que desliza brando,
E o pintasilgo com o rouxinol
Ao deitar do Sol lédos gorgearando;

Se a mansa brisa odórosa, fresca,
Ao de leve encrespa o cristal da linfa;
E ao longe ouço no soprar do vento
Dulcoroso sôento do cantar de Ninfa;

Se o colibri no adejar ligeiro,
Lindo, fagueiro, liba o mel da flôr,
E no ar diáfano forma espiraes,
Descobrimo mais sua graça e côr;

Se a nuvem rósea gotejando pérolas
As flôres cêrulas abre nos jardins,
E os raios d'ouro em ramal lucente
De sol no poente douram os jasmims;

Se as borboletas céleres, ligeiras,
Lá nas cachoeiras libram-se no ar,
E em caixões férvidos a cascata corre,
Se, espreguiça, morre, ao chegar no mar;

Se a onda em furia sempre marulhosa
Brame raivosa vomitando espuma,
E a nuvem opaca, se tornando tétrica,
Rugindo, elétrica, dilue a bruma;

Absorto fico, permaneço mudo,
Contemplando tudo, terra, mar e Céos! ...
Pensativo, eu pasmo ante o Infinito
Brado em alto grito: são obras de Deus!

SONETO (1)

Pequell! O' grande Deus, três vezes Santo,
Que impéras no Universo, e sobre o Céu,
Prostrado a Deus juiz, humilde réo,
Vos imploro perdão, banhado em pranto.

O mundo sedutor com seu encanto
Lançou sobre minh'alma opáco véo,
A noção do pecado a enegrecou,
Perdão, Senhor, Perdão, que horror, que espanto.

Mas, Senhor, não desceste do Empírio
Da Redenção trazendo a Santa palma,
Que selastes com o sangue do martírio?

Concedei ao meu sêr a doce calma
Nesta hora tremenda do delírio,
E salva, ó Senhor, salva a minh'alma.

(1) — Essa poesia traz a anotação: "Victoria, 6 de Março de 1900 — Estando enfêrmo, esperando receber o S. S. Viático, improvisei este soneto para recitar no momento".